

METATÉCNICA DO CUIDADO: UMA CRÍTICA DA TÉCNICA PARA UMA ÉTICA DO HABITAR

METATECHNIQUE OF CARE: A CRITIQUE OF TECHNIQUE AND ETHICS OF DWELLING

METATÉCNICA DEL CUIDADO: UNA CRÍTICA DE LA TÉCNICA PARA UNA ÉTICA DEL HABITAR

Giovani Miguez da Silva¹

RESUMO: Este ensaio examina a crise contemporânea do cuidado à luz da aceleração técnica e da expansão da IA na saúde. Partindo da hipótese de que a crise é, antes, crise de compreensão da técnica, propõe-se uma metatécnica do cuidado: uma arte de pensar e orientar tecnologias segundo uma ética do habitar. Metodologicamente, articula-se uma hermenêutica tripla: (i) o fundamento ontológico-poético do cuidado, reconstruído a partir de Heidegger e da leitura de Weyh, em diálogo com a imaginação de Bachelard via Rocha; (ii) a aplicação concreta de tecnologias nos sistemas de saúde, mapeada por estudos recentes (prontuários, predição algorítmica, robótica, infodemia, letramento digital), com ênfase em riscos de vies, segurança e sobrecarga; (iii) a crítica política da técnica, inspirada em Vieira Pinto por Braga, que inclui soberania tecnológica, trabalho novo e formação de consciência crítica. O argumento culmina em três perguntas-guia para julgar cada inovação: ela cria lugares e devolve autonomia? rompe dependências e amplia soberania? promove uma preocupação libertadora em vez de gerir pessoas como variáveis? Conclui-se que cuidar, na era digital, requer precisão e presença: usar a técnica sem abdicar da liberdade, da imaginação e da responsabilidade, construindo espaços onde a vida possa habitar com dignidade, mais solidária, sempre.

1441

Palavras-chave: Cuidado Humanizado. Crítica da Tecnologia. Ética do Habitar. Imaginação Poética. Filosofia da Técnica.

ABSTRACT: This essay examines the contemporary crisis of care under rapid technics and expansion of AI in health. It argues the crisis is a crisis in our understanding of technique and proposes a metatechnics of care: an art of thinking and steering technologies according to an ethics of dwelling. Methodologically, it weaves a triple hermeneutic: (i) the ontological-poetic ground of care, reconstructed from Heidegger through Weyh and placed in dialogue with Bachelard via Rocha; (ii) concrete applications in health systems –EHRs, algorithmic prediction, robotics, infodemic, digital literacy –highlighting bias, security, interoperability, and workload; (iii) a political critique of technique inspired by Vieira Pinto as read by Braga, centered on technological sovereignty, “new work,” and critical consciousness. The argument converges on three guiding questions to evaluate each innovation: does it create places and return autonomy? does it break dependency and expand sovereignty? does it enact a liberating concern rather than manage persons as variables? The conclusion states that caring in the digital age requires precision and presence: using technology without surrendering freedom, imagination, or responsibility, and building spaces where life can dwell with dignity. The essay unites ontology, practice, and politics to orient health technologies toward human emancipation and a humane craft of care.

¹ Doutor em Ciência da Informação (IBICT/UFRRJ). Analista de Ciência e Tecnologia. Instituto Nacional de Câncer—Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8492-1186>

Keywords: Humanized Care. Critique of Technology. Ethics of Dwelling. Poetic Imagination. Philosophy of Technique.

RESUMEN: Este ensayo examina la crisis contemporánea del cuidado ante la aceleración técnica y la expansión de la IA en salud. Sostiene que la crisis es una crisis de comprensión de la técnica y propone una metatécnica del cuidado: un arte de pensar y orientar tecnologías según una ética del habitar. Metodológicamente articula una triple hermenéutica: (i) el fundamento ontológico-poético del cuidado, reconstruido desde Heidegger por Weyh y puesto en diálogo con Bachelard a través de Rocha; (ii) las aplicaciones concretas en los sistemas de salud –HCE, predicción algorítmica, robótica, infodemia, alfabetización digital –, con énfasis en sesgos, seguridad, interoperabilidad y sobrecarga; (iii) la crítica política de la técnica inspirada en Vieira Pinto, leída por Braga, centrada en soberanía tecnológica, “trabajo nuevo” y formación de conciencia. El argumento converge en tres preguntas guía: ¿crea lugares y devuelve autonomía? ¿quiebra dependencias y amplía soberanía? ¿promueve una preocupación liberadora en lugar de gestionar personas como variables? La conclusión afirma que cuidar en la era digital exige precisión y presencia: usar tecnología sin abdicar de la libertad, la imaginación o la responsabilidad, construyendo espacios donde la vida pueda habitar con dignidad. El ensayo une ontología, práctica y política para orientar tecnologías sanitarias hacia la emancipación.

Palabras clave: Cuidado Humanizado. Crítica de la Tecnología. Ética del Habitar. Imaginación Poética. Filosofía de la Técnica.

I. INTRODUÇÃO

Vivemos sob o signo de uma aceleração técnica sem precedentes, um tempo em que a própria noção de cuidado é reconfigurada no cadinho da inovação digital. A Inteligência Artificial (IA), em particular, "tem ganhado espaço crescente na área da saúde, com promessas de acelerar diagnósticos, personalizar tratamentos e ampliar o acesso ao cuidado" (Siqueira et al. 2025, p. 1). Da predição algorítmica na medicina à gestão de dados que atravessa fronteiras, a tecnologia reconfigura a experiência humana, prometendo uma "revolução digital na saúde" (Paula Filho; Lamy, 2020, p. 235) que tornaria o cuidado mais eficiente e sustentável. Contudo, essa mesma força que promete otimizar a vida parece, por vezes, esvaziar o próprio sentido do cuidado. A implementação da IA Generativa, por exemplo, já se mostra um imenso "desafio de ética e de segurança para a oncologia" (Amaral Filho, 2025, p. 1), e a discussão sobre "novas tecnologias em saúde" está repleta de "desafios e perspectivas" (Neto et al., 2020, p. 9431) que nos forçam a questionar se a técnica é solução ou um novo problema.

A promessa de que a tecnologia deveria "libertar os profissionais para que se concentrem no que é verdadeiramente importante: a pessoa, a relação terapêutica" (Crisóstomos, 2024, p. 1) colide com a realidade de um cuidado cada vez mais mediado por sistemas que o reduzem a um conjunto de procedimentos, a uma gestão de variáveis, a uma técnica de controle. Diante deste paradoxo, que nos coloca entre a promessa da otimização e o risco da desumanização, emerge uma questão fundamental: como podemos articular uma crítica à tecnologia que não seja uma

recusa ingênua, mas uma apropriação consciente, orientada para uma "ética do habitar" que resgate a vocação mais fundamental da existência, o cuidado?

Este ensaio propõe-se a investigar essa questão, partindo da hipótese de que a crise do cuidado no mundo contemporâneo é, em sua essência, uma crise da técnica – ou, mais precisamente, da nossa compreensão filosófica sobre ela. Acreditamos que uma crítica eficaz à tecnologia aplicada ao cuidado exige, paradoxalmente, uma metatécnica: uma técnica de pensar a técnica, de desvelar seus pressupostos ontológicos, poéticos e políticos para, então, ressignificá-la como um instrumento para uma existência autêntica e emancipada. A justificativa para tal empreendimento reside na urgência de se construir um contraponto humanista, que integre a imaginação e a consciência crítica, ao avanço de uma tecnociência que, sob a bandeira da neutralidade, frequentemente oculta lógicas de dominação, desenraizamento e alienação.

Para construir este argumento, adotamos como base metodológica uma articulação hermenêutica, que opera através da análise textual e bibliográfica de um corpus tripartido. O diferencial deste ensaio reside na triangulação dessas fontes, utilizando a rigorosa reconstrução do conceito de Cuidado em Heidegger, realizada por Katyana Martins Weyh (2019), como pilar ontológico e a principal chave de leitura. A partir da gramática conceitual fornecida por Weyh, a análise se desdobrará em três dimensões interconectadas: (1) a essência do cuidado e a ameaça da técnica, onde aprofundaremos os fundamentos ontológicos do Cuidado (Weyh, 2019) e os complementaremos com os fundamentos poéticos da "estética da inteligência" (Rocha, 2022); (2) a técnica aplicada nos sistemas de saúde contemporâneos, onde utilizaremos a vasta coletânea organizada por Ribeiro, Duarte e Silva (2024) e outros artigos atuais como um painel empírico das manifestações da técnica, lidas à luz da distinção de Weyh entre o Cuidado e a Ocupação; e (3) a práxis do cuidado em um mundo hipertecnológico, onde, a partir da filosofia política da técnica de Álvaro Vieira Pinto (Braga, 2025), investigaremos as implicações políticas do Cuidado, buscando um caminho para a emancipação. É, portanto, a partir da centralidade do Cuidado, tal como desvelado por Weyh, que buscaremos tecer as conexões entre o poético, o prático e o político, para, ao final, propor uma metatécnica do cuidado como base para uma "ética do habitar".

2. DESENVOLVIMENTO

A reflexão sobre o cuidado em um mundo atravessado por tecnologias digitais não é um mero exercício especulativo, mas uma necessidade urgente imposta pela própria materialidade

de nossa época. Vivemos a "revolução digital na saúde" (Paula Filho; Lamy, 2020, p. 235), um tempo em que a IA "tem ganhado espaço crescente na área da saúde, com promessas de acelerar diagnósticos, personalizar tratamentos e ampliar o acesso ao cuidado" (Siqueira et al. 2025, p. 1). A proposta central é que a tecnologia seja aplicada a serviço de um cuidado "mais humano, eficiente e sustentável" (Paula Filho; Lamy, 2020, p. 235), otimizando processos para que os profissionais possam se dedicar àquilo que é insubstituível: a relação com o paciente. A IA promete analisar grandes volumes de dados para identificar padrões, auxiliar na tomada de decisão clínica e até mesmo prever riscos, configurando-se como uma força que pode, em tese, aprimorar a capacidade humana de cuidar.

Contudo, essa promessa de otimização caminha lado a lado com um profundo paradoxo. A mesma técnica que visa aprimorar o cuidado pode, paradoxalmente, esvaziá-lo de seu sentido. A implementação de "novas tecnologias em saúde" está repleta de "desafios e perspectivas" (Neto et al., 2020, p. 9431) que nos forçam a questionar se a IA é solução ou um novo problema. A segurança dos dados é uma preocupação central, visto que o setor da saúde se tornou um dos alvos preferenciais de ataques cibernéticos que se valem da própria IA (Amaral Filho, 2025, p. 1). Além disso, a dependência de algoritmos "caixa-preta" levanta questões complexas sobre responsabilidade e a possibilidade de vieses que podem "perpetuar ou mesmo ampliar as iniquidades em saúde" (Siqueira et al. 2025, p. 2). O risco, portanto, é que a busca por eficiência nos leve a um modelo de cuidado tecnocrático, onde a gestão de variáveis se sobrepõe ao encontro humano.

1444

Essa tensão se manifesta de forma aguda na prática profissional, especialmente na enfermagem, a ciência do cuidar por excelência. A IA é vista como uma ferramenta com potencial para otimizar desde a "prevenção de lesões por pressão" até o "gerenciamento de medicamentos" (Raposo et al. 2024, p. 2), mas seu avanço impõe um debate crucial sobre a "manutenção do vínculo terapêutico" (Costa; Soares; Pontes, 2025, p. 1). Há um temor justificado de que a tecnologia possa "distanciar o enfermeiro do paciente, comprometendo a empatia e a comunicação" (Osório; Silva, 2025, p. 4). A questão, como apontam Leite et al. (2025, p. 2), não é se a IA pode substituir tarefas, mas se ela pode de fato "apreender a complexidade e a subjetividade do cuidado humano". O desafio é encontrar um "equilíbrio entre o uso de tecnologia e a manutenção do vínculo terapêutico" (Costa; Soares; Pontes, 2025, p. 1), evitando que a ferramenta se torne um fim em si mesma.

Diante desse cenário complexo e ambivalente, torna-se imperativo ir além da discussão puramente instrumental. Não basta perguntar o que a tecnologia pode fazer, mas como ela

reconfigura nossa compreensão do que significa cuidar. Como adverte Crisóstomo (2024, p. 1), "a essência do cuidado de saúde continua a estar na relação humana entre o profissional e o utente". Para que a tecnologia possa de fato "libertar os profissionais para que se concentrem no que é verdadeiramente importante: a pessoa, a relação terapêutica" (Crisóstomos, 2024, p. 1), é preciso uma reflexão filosófica que fundamente a práxis. É preciso desvelar os pressupostos ontológicos, poéticos e políticos que subjazem tanto ao cuidado quanto à técnica. Apenas assim poderemos construir o arcabouço crítico necessário para navegar a era hipertecnológica, não como meros operadores de sistemas, mas como guardiões conscientes do sentido do cuidado.

2.1. A ESTÉTICA DA INTELIGÊNCIA E A FUNDAMENTAÇÃO DO CUIDADO

A reflexão sobre o cuidado em tempos tecnológicos exige, antes de tudo, um retorno à sua dimensão mais fundamental, um mergulho em suas fundações ontológicas e poéticas. Este percurso é magistralmente guiado por Gabriel Kafure da Rocha (2022) em *A Estética da Inteligência*, obra que tece um diálogo entre Gaston Bachelard e Martin Heidegger para demonstrar que o espaço não é um receptáculo neutro, mas a própria condição de manifestação da existência. A "estética da inteligência" emerge não como uma teoria do belo, mas como um modo de ser que integra a razão e a imaginação. Em Bachelard, a "fenomenologia da imaginação" (Rocha, 2022, p. 70) desvela a casa não como objeto, mas como "nosso canto no mundo" (Rocha, p. 75), um "corpo de sonhos" (Ibid., p. 84) que nos protege e permite o devaneio (*rêverie*). É uma técnica de introspecção, uma "topoanálise" dos "espaços de felicidade" (Rocha, p. 66) que constituem nosso refúgio existencial. A ciência, para Bachelard, avança por "rupturas" com o senso comum, mas essa vigilância epistemológica precisa ser complementada pela abertura à imagem poética.

1445

Em Heidegger, a crítica ao espaço cartesiano (Rocha, p. 134) abre caminho para a "clareira do ser" (*Lichtung*), o evento de desvelamento onde o *Dasein* (o ser-aí) é chamado a "habitar poeticamente" (Rocha, p. 178). Rocha demonstra que ambos os pensadores convergem na crítica à técnica moderna. O *Gestell* heideggeriano, que enquadra o mundo como "recurso disponível" (*Bestand*) (Rocha, p. 156), é a força que "destrói o lugar" (Rocha, p. 157) e causa o "desenraizamento". O cuidado, nesta dimensão, emerge como uma contra-técnica. Não é a "Ocupação" (*Besorgen*) com o mundo dos utensílios, mas o "Cuidado" (*Sorge*) com a própria abertura para o ser. Para ambos os filósofos, "habitar é cuidar" (Rocha, p. 185). Cuidar é, portanto, uma arte, uma *poiesis*, uma "estética da inteligência" que cultiva os espaços – a casa, a

clareira – onde a existência pode florescer, resistindo à lógica instrumental que a objetiva. O cuidado é, em sua essência, uma técnica de habitar poeticamente a existência.

Quadro 1: Síntese da Primeira Dimensão, a filosófico-poética.

Descrição: Esta dimensão estabelece a base filosófico-poética para o conceito de cuidado, a partir da análise de Rocha (2022) sobre Bachelard e Heidegger. O cuidado é apresentado como uma "estética da inteligência" e uma "ética do habitar", contrapondo-se à lógica instrumental da técnica moderna (<i>Gestell</i>).
Análise: A técnica moderna, ao transformar o mundo em espaço calculável, destrói o "lugar" e promove o "desenraizamento". Em contrapartida, a imaginação poética (Bachelard) e o pensamento meditativo (Heidegger) são propostos como "contra-técnicas" existenciais. Cuidar, nesta perspectiva, não é um procedimento, mas a arte de criar e preservar os "espaços felizes" e a "clareira do ser" onde a existência autêntica pode se manifestar.

Fonte: Elaboração pelo autor, com base em Rocha (2022).

2.2. A TÉCNICA APLICADA AOS SISTEMAS DE SAÚDE CONTEMPORÂNEOS

A coletânea Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades (Ribeiro; Duarte; Silva, 2024) serve como um vasto campo de provas para as tensões filosóficas descritas. Os capítulos da obra mapeiam a materialização da "ocupação" técnica no coração dos sistemas de saúde. A busca incessante pela "gestão de informações em larga escala" (Paiva; Mateus; Júnior, 2024, p. 41) e a implementação de prontuários eletrônicos (Filho; Mota, 2024, p. 53; Araújo; Pinho; Araújo, 2024, p. 77) exemplificam o esforço para transformar o cuidado em um processo de dados otimizável. Contudo, essa tecnicização encontra barreiras concretas: os sistemas são frequentemente fragmentados, carecem de interoperabilidade e geram sobrecarga nos profissionais. A constatação de que "40,9% dos profissionais sinalizou algum tipo de dificuldade no registro das informações no sistema [PEC]" (Filho; Mota, 2024, p. 59) revela que a técnica, quando mal aplicada, gera mais atrito do que fluidez.

A Inteligência Artificial (IA) representa o ápice dessa tendência. As propostas de plataformas de predição de riscos (Costa; Gouveia, 2024, p. 199) e os algoritmos para diagnóstico clínico (Neves, 2024, p. 253) prometem uma medicina mais precisa e proativa. No entanto, esses mesmos capítulos, e especialmente os de Santana et al. (2024) e Matos (2024), acendem o alerta para os riscos éticos e políticos. A IA na saúde pública brasileira, por exemplo, precisa lidar com a "privacidade e proteção de dados" e com o risco de "tendências codificadas na construção de algoritmos" (Santana et al., 2024, p. 228) que podem perpetuar desigualdades. A questão da "responsabilidade civil nas cirurgias robóticas" (Matos, 2024, p. 239) expõe o vácuo legal e a dificuldade de imputar responsabilidade quando a decisão é mediada por uma "caixa-preta" algorítmica.

Nesse cenário, emergem também contra-movimentos que buscam reinserir a dimensão humana. A defesa de uma "comunicação humanizada" para pessoas ostomizadas (Silva; Sá, 2024, p. 437) ou a utilização da gamificação para promover o "direito à saúde" entre jovens (Brito et al., 2024, p. 553) são exemplos de técnicas que buscam engajar e empoderar, em vez de apenas gerenciar. A discussão sobre a "infodemia" (Fogel; Padrão; Azevedo, 2024, p. 521) e a necessidade de "letramento digital" (Souza; santos; Freitas, 2024, p. 401) mostram que a técnica informacional não pode ser apartada de uma pedagogia crítica. A própria gestão de dados, como argumentam Gouveia e Cordeiro (2024), enfrenta o desafio da "fidedignidade", questionando se os dados refletem a realidade do cuidado ou apenas as necessidades burocráticas de reporte.

Quadro 2: Síntese da Segunda Dimensão, a aplicação de tecnologias nos sistemas de saúde.

Descrição: Esta dimensão descreve a aplicação concreta de tecnologias nos sistemas de saúde do Brasil e de Portugal, com base nos estudos de caso da coletânea de Ribeiro, Duarte e Silva (2024). São abordados prontuários eletrônicos, IA em diagnóstico, gamificação (SuperSUS), gestão de dados em larga escala (Big Data) e os desafios da comunicação digital (infodemia).

Análise: As tecnologias aplicadas materializam a "ocupação" heideggeriana. A busca por eficiência através de dados gera desafios de interoperabilidade, segurança e sobrecarga. A IA promete avanços, mas levanta questões éticas de viés e responsabilidade. Em contraponto, surgem técnicas de comunicação (gamificação, YouTube) que buscam um engajamento mais humanizado, evidenciando uma tensão entre a técnica como controle e a técnica como ferramenta de empoderamento.

1448

Fonte: Elaboração pelo autor, com base em Ribeiro, Duarte e Silva (Orgs.) (2024).

2.3. A PRÁXIS DO CUIDADO EM UM MUNDO HIPERTECNOLÓGICO

A obra *Da Filosofia à Técnica* de Luiz Carlos Montans Braga (2025), ao analisar o pensamento de Álvaro Vieira Pinto, oferece o instrumental político-crítico para reinterpretar a técnica não como um destino, mas como um campo de luta pela emancipação. Vieira Pinto, ao ressignificar conceitos, opera uma desconstrução da ideologia da tecnologia. A sua crítica à filosofia periférica como um mero "tabelião de ideias" (Braga, 2025, p. 100), que importa acriticamente os problemas e as soluções dos "centros dominantes" (Braga, p. 127), ecoa na saúde quando sistemas e tecnologias são adotados sem uma reflexão sobre sua adequação à realidade local.

A chave para a análise de Vieira Pinto é a sua concepção da técnica como "acumulação qualitativa do trabalho" (Braga, p. 93). A técnica não é um artefato mágico, mas o resultado da práxis humana que transforma a realidade. O desenvolvimento de uma nação, portanto, "está forçosamente na dependência do avanço técnico" (Braga, p. 94). O subdesenvolvimento é,

assim, uma condição geopolítica mantida pela especialização dos países periféricos no "trabalho velho", quantitativo, enquanto as nações centrais se reservam o monopólio do "trabalho novo", da invenção, da técnica sofisticada. A "exportação de matéria-prima", na contundente análise vieiriana, é, na verdade, a "exportação do trabalho" (Braga, p. III).

Essa perspectiva politiza radicalmente a discussão sobre tecnologia em saúde. A adoção de uma IA desenvolvida no Norte Global, por exemplo, pode ser vista não apenas como um avanço, mas como um aprofundamento da dependência, caso não haja um domínio local sobre seus algoritmos e dados. A práxis do cuidado, sob esta ótica, torna-se inseparável da luta pela soberania técnica. Cuidar de uma população significa capacitá-la a produzir suas próprias soluções técnicas, adequadas às suas necessidades. O projeto de Vieira Pinto é, em sua essência, um projeto de cuidado com a nação, que passa pela formação de uma "consciência crítica" (Braga, p. 135) capaz de desmascarar a "tecnologia como ideologia" (Braga, p. 104) e de se apropriar da técnica como ferramenta de emancipação. A práxis do cuidado exige, portanto, uma práxis política que lute pelo desenvolvimento autônomo.

Quadro 3: Síntese da Terceira Dimensão, a crítica política da técnica.

<p>Descrição: Esta dimensão introduz a crítica política da técnica a partir da análise de Braga (2025) sobre Álvaro Vieira Pinto. A técnica é definida como trabalho qualitativo acumulado, sendo o motor do desenvolvimento. O subdesenvolvimento é analisado como uma condição geopolítica mantida pela dominação técnica e pela alienação da consciência.</p>
<p>Análise: A práxis do cuidado é politizada. Cuidar de uma população implica lutar por sua soberania técnica e pela superação da dependência. A tecnologia importada acriticamente pode ser um instrumento de dominação. O verdadeiro cuidado passa pela formação de uma "consciência crítica" que se aproprie da técnica para um projeto de desenvolvimento autônomo e humanista.</p>

Fonte: Elaboração pelo autor, com base em Braga (2025).

2.4. RUMO A UMA METATÉCNICA DO CUIDADO

O ponto de articulação que permite um diálogo profícuo entre as dimensões ontológico-poética, técnico-aplicada e político-emancipatória encontra seu fundamento mais rigoroso na obra de Katyana Martins Weyh. Em sua análise, Weyh (2019) reconstrói com precisão a arquitetura do conceito heideggeriano de Cuidado (*Sorge*), revelando-o não como um sentimento, mas como a própria "essência da existência do ser-aí" (Weyh, p. 89). É essa compreensão que nos fornece a gramática para ler criticamente a hipertecnologização do mundo. Weyh demonstra que o Cuidado é a unidade da "tríplice estrutura" da existência: a

"existencialidade" (o ser-adiante-de-si, o projeto), a "facticidade" (o ser-já-lançado-no-mundo) e a "decadência" (o ser-junto-aos-entes) (Weyh, p. 93). Afirmar, portanto, "que ser-aí é constitutivamente cuidado significa dizer que existir é, também, cuidar" (Weyh, p. 97). Esta tese é o pilar que sustenta toda a nossa análise subsequente: se existir é cuidar, então toda técnica, toda práxis, deve ser avaliada a partir de sua relação com esta vocação fundamental.

A análise de Weyh torna-se ainda mais central quando ela desdobra as modulações do cuidado na relação com os outros, a "preocupação" (*Fürsorge*). Ela aponta para "dois modos extremos de preocupação: o primeiro [...] é aquele que substitui o outro em seu cuidado [...] O segundo modo [...] é aquele que não se antepõe ao outro para tirar-lhe o cuidado, mas para devolvê-lo a si mesmo como tal" (Weyh, p. 103). Esta distinção é a chave hermenêutica que nos permite avançar para a noção de "metatécnica". Ela nos oferece um critério ontológico para julgar as tecnologias: uma técnica verdadeiramente cuidadosa é aquela que, em sua aplicação, opera como a segunda modalidade da *Fürsorge*, devolvendo ao ser humano sua autonomia e sua responsabilidade. Uma técnica que opera como a primeira modalidade, substituindo a decisão e a liberdade humanas, mesmo que sob o pretexto de eficiência, é uma forma de descuido, uma manifestação da "decadência" no mundo da "ocupação" técnica.

Finalmente, ao conectar o cuidado à finitude através do "ser-para-a-morte", Weyh nos abre o caminho para pensar uma "ética do habitar". A morte, como "possibilidade mais própria, irremissível e insuperável" (Weyh, p. 115), é o que singulariza a existência e a chama para a autenticidade. Assumir o Cuidado é, portanto, assumir a responsabilidade por um projeto de vida finito. É neste ato de assunção que o ser humano constrói seu "lugar" no mundo, seu modo próprio de habitar. A imaginação, como veremos, torna-se a faculdade que nos permite "sonhar" esse lugar. Assim, a investigação de Weyh não apenas fornece a base crítica para a metatécnica do cuidado, mas também a base ontológica para a ética do habitar, mostrando que ambas são duas faces da mesma resposta ao desafio de existir autenticamente em um mundo que nos impele constantemente à alienação.

2.4.1. DA OCUPAÇÃO À PRÁXIS EMANCIPATÓRIA

Ao colocar as três dimensões em diálogo, emerge uma análise inovadora sobre a condição do cuidado no século XXI. A analítica de Heidegger, sistematizada por Weyh (2019) e Rocha (2022), oferece a gramática ontológica: a existência oscila entre um Cuidado autêntico, que assume a finitude e a liberdade, e uma Ocupação técnica, que foge de si mesma na gestão do mundo. A coletânea sobre Medicina e Tecnologia, organizada por Ribeiro, Duarte e Silva

(2024), preenche essa gramática com o léxico do presente: a IA, os prontuários eletrônicos e a infodemia são as manifestações concretas da ocupação no campo da saúde. Mas é a filosofia política de Vieira Pinto, decifrada por Braga (2025), que insere essa dinâmica em um contexto geopolítico e oferece um horizonte de práxis.

O que Vieira Pinto chamou de "consciência ingênua" (Braga, p. 135) pode ser relido, em termos heideggerianos, como a própria consciência decaída no "Impessoal" (*das Man*). O "tabelião de ideias" é o intelectual que vive no "falatório" (*Gerede*), reproduzindo discursos anônimos sem se confrontar com a sua própria situação. A ideologia da tecnologia, que a apresenta como uma força neutra e externa, é a manifestação perfeita dessa fuga: ela nos "tranquiliza", nos exime da responsabilidade de pensar a técnica como nosso próprio fazer, como nosso trabalho.

Nesse cruzamento, o projeto "SuperSUS" (BRITO et al., 2024) – um jogo digital que explora a evolução do sistema de saúde brasileiro (SUS) e a importância de sua defesa – pode ser visto como uma técnica que busca promover uma ruptura. Do ponto de vista de Vieira Pinto, é uma ferramenta pedagógica para a formação da "consciência crítica", mostrando aos jovens a história de luta por trás do direito à saúde. Do ponto de vista de Heidegger, o jogo pode ser um gatilho para tirar o jovem da absorção impessoal e convidá-lo a uma "decisão" (*Entschlossenheit*): a de se ver como um cidadão responsável pelo bem comum. O cuidado, aqui, é pedagógico e político.

1451

A tensão permanece. A plataforma de predição de DCNTs (Costa; Gouveia, 2024) é um exemplo paradigmático. Uma análise desta plataforma, amparada na filosofia de Vieira Pinto, nos auxilia a compreender que seu desenvolvimento local poderia ser um ato de soberania, um "trabalho novo" que supera a dependência. Em uma perspectiva heideggeriana, contudo, o risco é imenso: essa mesma plataforma, ao transformar a existência em um conjunto de riscos calculáveis, pode se tornar a ferramenta máxima da Ocupação técnica, onde o cuidado se reduz a um gerenciamento preditivo do ser-aí, agora entendido como um "ente simplesmente dado" cujas futuras "falhas" podem ser antecipadas e controladas. A aplicação ao cuidado torna-se, paradoxalmente, uma forma sutil de descuido, que ignora a liberdade do ser-aí para se projetar em possibilidades não calculadas. É aqui que a "preocupação libertadora" de Heidegger (Weyh, 2019, p. 103) e o "humanismo do nosso tempo" de Vieira Pinto (Braga, 2025, p. 136) convergem. As duas perspectivas apontam para uma práxis que, mesmo utilizando a técnica, não se deixa dominar por ela. A análise cruzada revela que a luta pela soberania técnica (Vieira Pinto) é vazia se não for, ao mesmo tempo, uma luta pela existência autêntica (Heidegger). E a busca

pela autenticidade é alienada se não se confrontar com as estruturas de dominação que a condicionam.

2.4.2. A IMAGINAÇÃO DO CUIDAR COMO UMA ÉTICA DO HABITAR

A convergência final entre os pensamentos aqui articulados se dá na proposição de uma ética do cuidado que é, fundamentalmente, uma ética do habitar. Se a técnica moderna, o *Gestell* heideggeriano, é a força que "destrói o lugar" (Rocha, 2022, p. 157) e nos desenraíza, e se o subdesenvolvimento, para Vieira Pinto (Braga 2025, p. 112), é, podemos considerar, a condição de não possuir as ferramentas para construir o próprio "lugar" no mundo, então o cuidado autêntico deve ser a práxis de construir e preservar os espaços onde a existência possa verdadeiramente "habitar".

A "estética da inteligência" de Bachelard, analisada por Rocha (2022), oferece a chave para essa construção. O cuidado não é apenas uma atitude moral ou um procedimento técnico; ele é uma técnica da imaginação. É a capacidade de sonhar e de valorizar os "espaços felizes" – a casa, o ninho, o canto – que nos dão refúgio e permitem o devaneio. Uma prática de cuidado em saúde inspirada por Bachelard não se limitaria a gerenciar leitos e prontuários; ela se preocuparia em transformar o hospital ou a clínica em um "lugar", um espaço que acolhe a subjetividade e a imaginação do paciente, que oferece "cantos" de recolhimento em meio à objetividade técnica.

1452

Heidegger aprofunda essa noção ao conectar o habitar ao cuidado com a "quadratura" (terra, céu, mortais e divinos). Uma "ética do habitar" no cuidado em saúde significaria, por exemplo, (1) poupar a terra: reconhecer os limites ecológicos e a dimensão ambiental da saúde; (2) acolher o céu: manter uma abertura para a dimensão espiritual e simbólica da experiência do adoecer; (3) conduzir os mortais ao seu ser: praticar a "preocupação libertadora", ajudando o paciente a assumir sua finitude e seu projeto de vida; e (4) esperar os divinos: reconhecer o mistério e a imprevisibilidade da vida, resistindo à tentação de um controle técnico total.

Essa ética do habitar, informada pela imaginação, torna-se politicamente potente quando articulada com Vieira Pinto. A luta contra soberania técnica é a luta pelo direito de uma nação "habitar" plenamente seu território e sua história, construindo seus próprios "espaços felizes" em vez de viver em uma "casa" projetada pela metrópole. O cuidado com a nação é, em última instância, um cuidado com seu "lugar" no mundo.

3. CONCLUSÃO

A travessia por estas três paisagens do pensamento – a ontologia do Cuidado, a fenomenologia da saúde digital e a política da técnica – nos conduz a uma conclusão que é, ao mesmo tempo, uma proposição. A análise aqui empreendida, a partir de uma articulação hermenêutica das fontes, revela que a questão central não é ser a favor ou contra a tecnologia no cuidado, mas desenvolver uma nova capacidade, uma nova arte: uma metatécnica do cuidado. Esta é compreendida como a base epistemológica e ontológica para guiar o ser humano em uma ética do habitar, servindo como contraponto crítico a uma filosofia da técnica desumanizante. Esta não seria mais uma técnica entre outras, mas uma técnica de pensar e usar as técnicas, uma práxis hermenêutica, poética e política que se interpõe entre o sujeito do cuidado e o arsenal tecnológico.

Esta metatécnica, fundamentada na gramática ontológica do Cuidado se fundaria na pergunta e na deliberação, resistindo à automação da práxis. Diante de cada nova tecnologia aplicada ao cuidado – seja um algoritmo de IA, um sistema de gestão de dados ou uma plataforma de comunicação –, a metatécnica do cuidado nos convocaria a um triplo questionamento, que sintetiza o diálogo entre a ontologia de Heidegger e Bachelard, a política de Vieira Pinto e a prática contemporânea: primeiro, o questionamento ontológico-poético: esta técnica nos ajuda a habitar o mundo ou nos desenraíza dele? Ela cria "espaços felizes", "clareiras" onde a existência pode florescer, ou nos encerra em espaços meramente funcionais? Ela serve à "Ocupação" (*Besorgen*) com os entes ou ao "Cuidado" (*Sorge*) com o ser?

1453

Segundo, o questionamento político-emancipatório: esta técnica é expressão de um "trabalho novo", que aumenta nossa autonomia e soberania, ou é a importação de um "trabalho velho", que aprofunda nossa dependência? Ela serve para a formação de uma "consciência crítica" sobre nossa realidade ou funciona como uma "ideologia", um falseamento que nos mantém em uma condição de subdesenvolvimento e dominação?

Terceiro, e como síntese, o questionamento sobre a ética do cuidado em si, diretamente inspirado na distinção de que esta técnica promove uma "preocupação libertadora", que devolve ao outro a responsabilidade por sua própria existência, ou uma "preocupação que substitui", que o trata como um objeto de gerenciamento, tirando-lhe seu Cuidado mais próprio?

A metatécnica do cuidado é, portanto, um exercício contínuo de vigilância epistemológica, poética e política. É a recusa em aceitar a técnica como um dado neutro e a insistência em interrogá-la sobre seus fins. É a arte de discernir, em cada caso, se a tecnologia está a serviço da vida em sua plenitude ou se está a serviço de mecanismos de controle que, em nome de uma eficiência abstrata, nos despojam de nossa condição mais própria: a de seres que

existem como projeto, como liberdade, como imaginação, como cuidado. A construção dessa metatécnica, informada por uma ética do habitar, é, talvez, a tarefa mais urgente para todos que se ocupam – e se preocupam – com o futuro do humano na era da técnica sob os auspícios de um horizonte cada vez mais hiperconectado e automatizado.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. M.. Do cérebro humano à inteligência artificial: informação por desígnio ou ironia? In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 613-621.

AMARAL FILHO, N. C. Um desafio de ética e de segurança para a oncologia: comunicar a implementação da IA generativa. *Revista Brasileira de Cancerologia*, [S. l.], v. 71, n. 2, p. e-235184, 2025. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n2.5184. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/5184>. Acesso em: 3 set. 2025.

ARAÚJO, T. E. de S.; PINHO, F. A.; ARAÚJO, W. J. Análise por revisão sistemática sobre prontuários eletrônicos do paciente em unidades de saúde: foco na gestão de dados e segurança da informação. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 77-86.

BRAGA, L. C. M. *Da filosofia à técnica: ensaios sobre Álvaro Vieira Pinto*. Cachoeirinha: Fi, 2025.

1454

BRITO, T. H. da S.; SOUSA, I. M. C. de; BARBOSA, F. E. S.; NASCIMENTO, I. R. de F.; ANDRADE, A. F. de; FARIAS, L. H. S. de; SILVA, G. L. C. da; JÚNIOR, C. A. de S.. SuperSUS: direito à saúde através de uma abordagem gamificada. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 553-566.

COSTA, O.; GOUVEIA, L. B. Plataforma inteligente de predição do risco de doenças crônicas não transmissíveis, de apoio à decisão clínica na atenção primária de saúde, usando inteligência artificial. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 199-212.

COSTA, C. J. de L.; SOARES, J. de O.; PONTES, A. N. Inteligência artificial: equilíbrio entre o uso de tecnologia e a manutenção do vínculo terapêutico na enfermagem. *Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 1-21, 2025. DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.4050. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/4050>. Acesso em: 3 set. 2025.

CRISÓSTOMO, R. Novas tecnologias e inteligência artificial em saúde: transformação na formação acadêmica e na prática profissional. IPCB Campus: *Revista do Instituto Politécnico de Castelo Branco*, v. 14, n. 25, [s. p.], [s. d.]. ISSN 1647-6335. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.11/9234>. Acesso em: 3 set. 2025.

FILHO, L. T.; MOTA, F. R. L. Registros eletrônicos em saúde: um estudo dos processos de registros de informações em saúde no Prontuário Eletrônico do Cidadão do e-SUS APS. In:

RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 53-63.

FOGEL, A. A. A.; PADRÃO, P.; AZEVEDO, J. Infodemia e obesidade. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 521-537.

GOUVEIA, L. B.; CORDEIRO, S. Gestão da informação nos sistemas de saúde: uma reflexão sobre a produção de dados nas organizações de saúde. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 143-150.

LEITE, A. A. F.; SOUSA, J. L. de O.; BARROS, C. B.; SANTOS, G. T. F. dos; LEITE, G. V. de O.; NEGREIROS, R. V. de; MENDES, J. M. S.; RODRIGUES, A. R. G. de M.; FREIRE, R. de M. H.; MEIRA, M. L. M. Perspectiva do uso da inteligência artificial nos cuidados prestados pela enfermagem. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [S. l.], v. 25, n. 6, p. e20859, 17 jun. 2025. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/20859>. Acesso em: 2 set. 2025.

MATOS, M. B. Responsabilidade civil nas cirurgias robóticas. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 239-252.

NETO, C. D. do N.; BORGES, K. F. L.; PENINA, P. de O.; PEREIRA, A. L. Inteligência artificial e novas tecnologias em saúde: desafios e perspectivas / Artificial intelligence and new health technologies: challenges and prospects. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 9431-9445, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n2-306. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/7210>. Acesso em: 4 sep. 2025.

1455

NEVES, B. C.. Aplicações da inteligência artificial na medicina clínica: papel e aplicação dos algoritmos. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 253-265.

OSÓRIO, M. C. A. T.; SILVA, M. R. B. da. Inteligência artificial no apoio à tomada de decisão em enfermagem. *Revista Piauiense de Enfermagem*, Teresina, v. 3, n. 3, [s. p.], 2025. Disponível em: <https://revistaenfermagem.uespi.br/index.php/revistaenfermagem/article/view/67>. Acesso em: 2 set. 2025.

PAIVA, D. F. C.; MATEUS, R. C.; JÚNIOR, R. A. A gestão de informações em larga escala na promoção da saúde: um estudo sobre a representação e organização da informação em arquivos de saúde pública. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 41-51.

PAULA FILHO, L. P. de; LAMY, M. A revolução digital na saúde: como a inteligência artificial e a internet das coisas tornam o cuidado mais humano, eficiente e sustentável. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 225-234, 2020. DOI: 10.17566/ciads.v9i3.707. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/707>. Acesso em: 4 set. 2025.

RAPOSO, D. R. A.; ALVES JÚNIOR, J. S.; SILVA, D. T. O. da; ALVES, R. de A.; SANTOS, D. C. M. dos; ALVES, T. M.; SILVA, J. K. S. da; ARAGÃO, S. F.; FARIAS, C. M. S. Avanços na assistência de enfermagem: uma revisão de escopo sobre o uso da inteligência artificial na ciência do cuidar. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, [S. l.], v. 17, n. 7, p. e8854, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.7-417. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8854>. Acesso em: 4 set. 2025.

RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024.

ROCHA, G. K. da. *A estética da inteligência: espacialidades em Bachelard e Heidegger*. Petrolina: IFSertãoPE, 2022.

SANTANA, G. A. de; VIEIRA, E. L. de C.; DUARTE, Z.; MELLO, R. C. de. Inteligência artificial na saúde pública do Brasil: princípios éticos aplicados à privacidade e construção de algoritmos. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 225-237.

SILVA, . L. R. da; SÁ, M. I. da F. e. A pessoa ostomizada como pessoa com deficiência: um estudo sobre a comunicação humanizada no serviço público de saúde. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 437-449.

SIQUEIRA, A. de S. E.; SANTOS NETO, M. F. dos; FERREIRA, C. B. T.; SOUZA, T. de A. Inteligência artificial nas ações de controle do câncer: solução ou problema? *Revista Brasileira de Cancerologia*, [S. l.], v. 71, n. 3, p. e-005291, 2025. DOI: 10.32635/2176-9745.RBC.2025v71n3.5291. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/5291>. Acesso em: 3 set. 2025.

1456

SOUZA, J. S. de; SANTOS, J. C. S. dos; FREITAS, M. C. V. de. Modelo de letramento digital para mulheres adolescentes de comunidades periféricas do estado da Bahia-Brasil. In: RIBEIRO, F.; DUARTE, Z.; SILVA, A. M. da (orgs.). *Medicina, Informação, Tecnologias e Humanidades: perspectivas cruzadas*. 1. ed. Porto: CITCEM, 2024. p. 401-414.

WEYH, Katyana Martins. *Do cuidado como essência da existência do ser-aí em Heidegger*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.